

SAGA DO CAFÉ e a TRAJETÓRIA DOS AVÓS DE ANIBAL

Da 1ª Crise de 1889 à 2ª Crise de 1929

Autor: Aníbal de Almeida Fernandes.

Texto inicial: Julho, 2008, última atualização: Dezembro, 2018.



Nasce o sol no cafezal

Relato a trajetória da família **Avellar e Almeida ligada ao café** desde Vassouras, RJ, que passa a ser **Arantes de Almeida** em Araraquara, SP, com **Joaquim Rodrigues d'Almeida, avô de Anibal**: n. a 23/6/1866, f. a 25/2/1937, e **Bernardina Ribeiro do Valle Avellar e Almeida Carvalho de Arantes, avó de Anibal**: n. a 25/8/1869, f. a 18/7/1936, que são primos e casados a 30/1/1889, em Valença, RJ, falecidos em Araraquara, SP. Quando eles chegam em **1890**, em Araraquara, SP, **já são a 4ª geração ligada ao café, desde Manoel de Avellar e Almeida, 4º avô de Anibal**. Meus avós seguem uma **trajetória geográfica/financeira** emblemática, pois reproduzem exemplarmente a **trajetória geográfica/financeira do café** no Brasil, desde o começo do Império em **1822** até a **Crise de 1929, ou seja, do Império na região fluminense para o Eldorado paulista na República**.

Início: do Sec. XVIII até 1929

Tudo começa com **Manoel de Avellar e Almeida, (1767-1848), 4º avô de Anibal** que é o **Patriarca da Família Avellar e Almeida** de Sacra Família do Tingá e Vassouras (RJ), aí radicada desde o **séc XVIII** e que cresceu e prosperou **sempre ligada á cultura do café**.

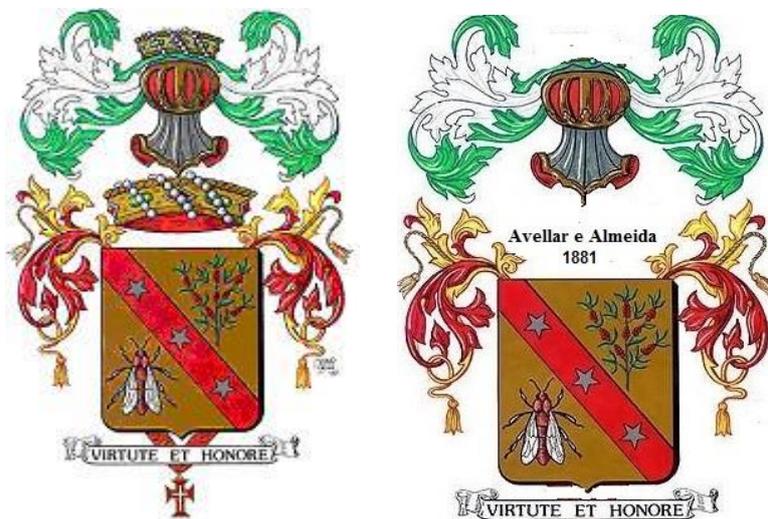
Manoel de Avellar e Almeida era dono da **Fazenda Boa Vista do Mato Dentro**.

Ele era proprietário de 152 escravos conforme o **Inventário nº 435 da Caixa nº 90** do Centro de Documentação Histórica da Universidade Severino Sombra, de Vassouras informado no livro **E o Vale era o escravo**, autor Ricardo Salles.

VASSOURAS a Brazilian Coffee County, 1850-1900 Stanley Stein, Harvard University, 1957: pg 41

outside walls, crosswise
32 For example: "One dwelling house, one very old dwelling house adjacent."
Inventory, 1848, deceased: Manoel d'Avellar e Almeida, executor: Unknown,
Fazenda Boa Vista do Matto Dentro, APV. "One dwelling house, one old house
with a veranda to store coffee." Inventory, 1858, deceased: Bernardino da Silveira

A família **Avellar e Almeida**, nos 67 anos de Império, teve **6 descendentes** com títulos concedidos pelo Imperador Pedro II, tudo por conta do prestígio/riqueza advindo do café: Barão do Ribeirão, Barão e Visconde de Cananéia, Barão de Massambará, 2º Barão do Rio das Flores, **Barão de Avellar e Almeida** (cujo **Brasão pode ser usado pela família**, pois o título foi dado **sul cognome**), 1ª Baronesa do Rio das Flores.



- # A Banda diagonal vermelha com 3 estrelas de prata, postas em pala, representa trabalho árduo o que se confirma na
 - # Abelha, à direita, simbolizando operosidade.
- # O Cafeeiro, à esquerda, mostra a atividade do Barão de Avellar e Almeida Laurindo de Avellar e Almeida que era fazendeiro de café como toda a família AVELLAR e ALMEIDA.
- # A divisa em latim Virtute et Honore significa VIRTUDE E HONRA, que é uma confirmação dos valores éticos e sociais da família Avellar e Almeida.

BRASÃO da FAMÍLIA AVELLAR e ALMEIDA

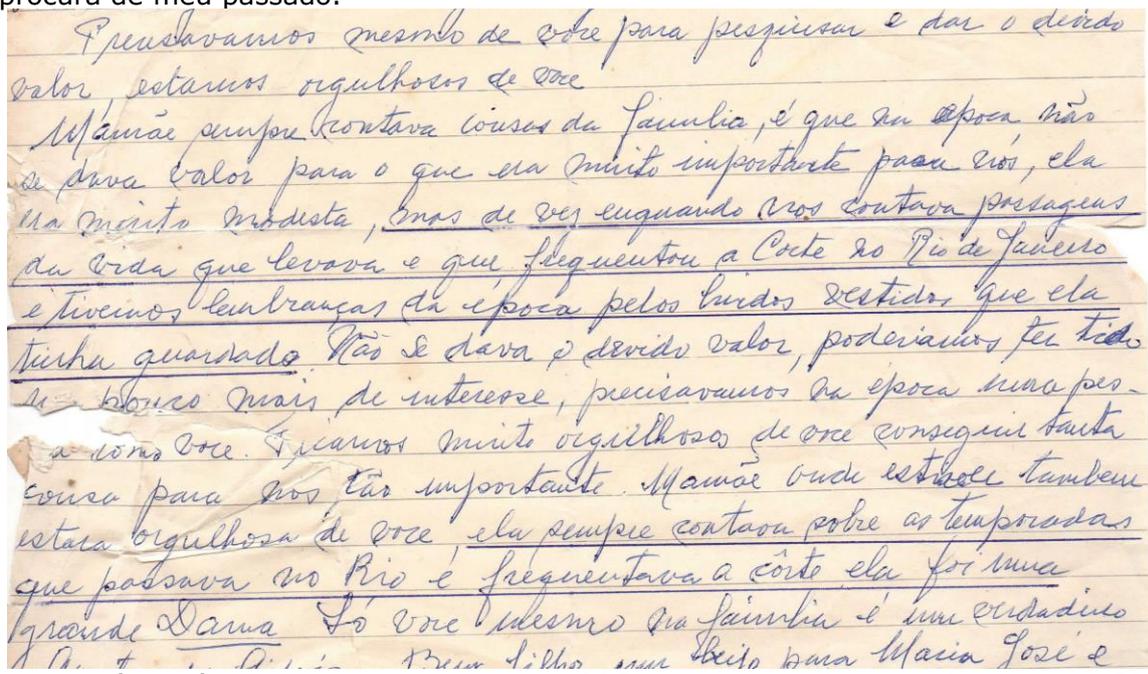
Este Brasão foi concedido por Carta de Brasão em 1881, e está registrado no Cartório da Nobreza e Fidalguia do Império do Brasil, Livro II, folhas 9/11, ao Barão de Avellar e Almeida, Decreto de 7/1/1881, cujo título está registrado no Livro X pág. 70 Seção Histórica do Arquivo Nacional. É um título concedido ad personam sul cognome, isto é, dado a uma pessoa específica e apoiado sobre o nome da família do titulado. Esta forma de título só é usada quando o Imperador deseja prestar homenagem também à família, dignificando-lhe o nome. O Brasão tem um pé de café e uma abelha como arma heráldica e pode ser usado pela Família Avellar e Almeida sem o Coronel (coroa) e a comenda, que são exclusivos do Barão e não são hereditários, conforme as leis de heráldica e do Direito Nobiliárquico: Fonte Documental: Mário de Méroe, Estudos sobre o Direito Nobiliário, Centauro Editora, São Paulo, 2000, pgs: 25/26.

A registry of landed property in each of the three parishes of the early fifties revealed that approximately eighty-two plantations controlled the most productive of the 1,400 square kilometers of the município of Vassouras.³² A few clans owned a majority of these plantations. In the western area, there were the extended families of the Paes Leme, the Correa e Castro, and the Araujo Padilha; the middle sections were under the influence of the Santos Werneck, Avellar e Almeida, and Caetano Alves clans; and in the eastern section there were the Lacerda Werneck, the Souza Werneck, and the Ribeiro de Avellar family groups.³³ Although division of estates among heirs created a legal force working toward division of the land, in fact the dominant families preserved and extended their holdings by intermarriage within and between clans, by partnership arrangements (*sociedades*), and later by consortiums (*consórcios*) set up among planters and their children.³⁴ Concentration was further encouraged by the "immunity of land from taxation and the heavy tax on transfers (6 per cent)."³⁵ Both

Gastão Penalva, tr., São Paulo, 1941), II, 12; Richard Burton, *Explorations of the Highlands of the Brazil* (2 vols., London, 1869), I, 42, note; Lima, *Terras Devolutas*, p. 54 and *Relatorio do Presidente da Provincia do Rio, 1855*, pp. 39-40.

Vassouras, a Brazilian Coffee County, 1850-1900, editado pela Harvard Historical Studies. Meus avós conviviam em Vassouras/Valença com os demais membros da Família Avellar e Almeida que, além de prestígio na cidade, tinha inserção na Corte do Rio de Janeiro tanto é que, em **1876** nosso primo Bernardino, **Visconde de Cananéia**, convidou e **recebeu** a visita da **Princesa Isabel e do Conde d'Eu** por uma semana em seu palacete (que existe até hoje em Vassouras, atualmente como Prefeitura) estando presentes meus avós:

Joaquim e Bernardina com 10 e 7 anos de idade respectivamente. Todo esse passado que minha mãe registra em carta para mim, em Agosto de 1975, foi o que me instigou na procura de meu passado.



Precisavamos mesmo de você para pesquisar e dar o devido valor, estamos orgulhosos de você. Mãe sempre contava coisas da família, e que na época não se dava valor para o que era muito importante para nós, ela era muito modesta, mas de vez em quando nos contava histórias da vida que levava e que frequentou a Corte do Rio de Janeiro e tivemos lembranças da época pelos vestidos de seda que ela tinha guardado. Não se dava o devido valor, poderíamos ter tido coisas mais de interesse, precisavamos na época numa pessoa como você. Ficamos muito orgulhosos de você conseguir tanta coisa para nós tão importante. Mãe oude estava também estava orgulhosa de você, ela sempre contava sobre as temporadas que passava no Rio e frequentava a corte ela foi uma grande dama. Só você mesmo na família e um cidadão.

Meus avós, após a queda da monarquia (1890) vieram em direção a Araraquara, SP, por conta da devastadora decadência de Vassouras e de toda a região cafeeira fluminense, cujas terras estavam completamente exauridas e não valiam mais nada, e as famílias na miséria; eles passaram pelo **Rio de Janeiro** e, junto com os **Barões de Muritiba**, (a Baronesa era madrinha de crisma de minha avó Bernardina), eles foram ao **Baile da Ilha Fiscal**, vovó Bernardina com um vestido amarelo de seda de Macau e com um colar de ouro e esmeraldas, pois as senhoras deviam se vestir com as cores do Império (este vestido até 1948, foi conservado por minha tia Alzira, em Araraquara).

1890: procurando por boas terras para o cultivo do café meus avós chegaram, pela principal artéria de escoamento da produção agrícola de São Paulo, a **Cia Paulista de Estrada de Ferro**, em **Araraquara**, (SP), considerada a 5ª zona cafeeira do Estado que, junto à 4ª zona, Ribeirão Preto, que tem, a partir de **1905**, uma grande produção de café superando a decadente 2ª zona cafeeira de Taubaté. Em Araraquara, vovó grávida **perdeu um filho**, provavelmente em consequência das aflições da mudança radical de situação de vida numa terra estranha e sem referências familiares e sociais. Perto da cidade, eles arrendaram a **fazenda Baguary** que posteriormente foi comprada, (a venda do colar de esmeraldas ajudou, pois nessa época do Encilhamento provocado pelo Rui Barbosa a economia estava um caos completo e os antigos Barões na miséria), e meu avô Joaquim voltou a plantar café que é o que ele sabia e gostava de fazer.

Fazenda Baguary situada no Distrito de Américo Brasiliense, sesmaria do Rancho Fundo, em Araraquara, SP, com cerca de 400 alqueires paulista, foi preparada para a cultura do café pelo casal, Joaquim e Bernardina Arantes de Almeida, avós de Anibal. Após a morte de Joaquim em 1937, a Baguary conforme o Formal de Partilha de 11/3/1937 registrado no Cartório do 2º Ofício da Comarca de Araraquara tinha 90.000 pés de café, 9 grupos de casas de colonos, com 2 moradias cada grupo, 2 casas para camaradas, casa para administração, casa sede da fazenda, casa de máquina com tulha e máquina de beneficiar café, 120 cabeças de gado vacum, 26 cabeças de porcos, 3 cavalos, um caminhão Chevrolet, um caminhão Graham Brothers, 3 automóveis marca Ford, safra de 2.300 arrobas de café, barracão para veículos e pomar de 200 jabuticabas. Um hábito da época era: na época de jabuticaba convidar os amigos para ir à fazenda chupá-las direto do pé, como é a melhor maneira de saborear a melhor fruta do mundo. A Baguary foi vendida em 1938.

1892: Precavido e desconfiado com a cultura do café, por conta de sua terrível *débâcle* no fim da monarquia que destruíra as famílias dos Barões de Café fluminenses, vovô Joaquim abre a 13/4/1892 **uma casa comercial**, para ter também outra fonte de renda (abaixo o documento do Registro oficial do estabelecimento).



1900: com as boas rendas do café, o casal passa a ter filhos, a intervalos de 1,6 anos. Foram 12 filhos vivos no total: 6 homens, alguns estudaram no Colégio São Luiz em Itú, (eu tenho fotos de 1906) e 6 mulheres: Luisa (1891), Mário (1893), Maria (1898), Alzira (1900), Isaura (1902), Joaquim (1905), Luis (1906), **Anna (1907, mãe de Anibal)**, Esther (1910), José (1911), Bernardino (1912), Orlando (1914). Os filhos: Mário, Joaquim, Luis e José estudaram no Colégio São Luis, fundado em Itú, SP, em 1867, visando os filhos de fazendeiros, até a mudança para São Paulo em 1918.



1900, Araraquara: Bernardina, Alzira (colo), Mário, Joaquim, Maria e Luiza



1911: meu avô Joaquim que era um homem muito moderno, e com grande visão do futuro, manda o filho mais velho Mário para a Europa estudar **engenharia em Liège**, na Bélgica, um grande centro de estudos europeu, entre seus colegas estava o futuro Conde Matarazzo e um Silva Prado.

1914: Mário (*abaixo o diploma de 1913*) volta pelo vapor Alcântara em Setembro de 1914, pois teve que abandonar os estudos e voltar para o Brasil por causa da 1ª Guerra Mundial e Luiz que deveria seguir o irmão em Liège, não mais irá. Mário foi prefeito e Vereador em Araraquara e representante do OAB na região, sua banca de advocacia era a maior da cidade. Porém, o mundo começa a mudar, pois a **ordem agrária começa a ceder espaço para a era industrial subvertendo a ordem social que viera do Império, com os Barões do Café e sua hierarquia, mesclada de requintada cultura e maneiras/usos de convívio social reproduzindo os hábitos da corte.** **Colegas de Liège-1912, Mário é o 2º da esquerda para a direita, sentado no sofá.**



Volta de Liège-1914, Mário é o 2º da esquerda para a direita na 1ª fila.

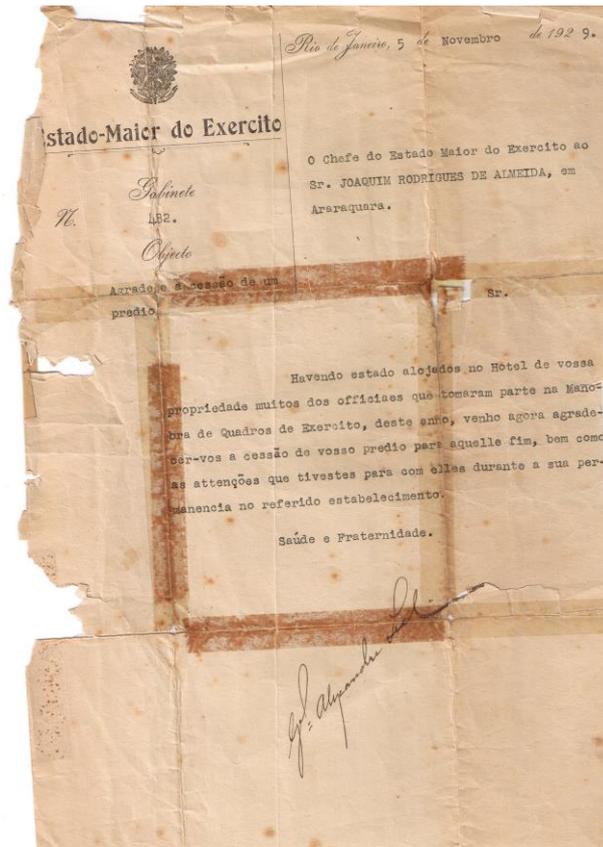


A bordo do "Alcantara" - Setevidas de 1914 - Colégios de estudos da Universidade de Liège - Bélgica



1915: com a superprodução de café, e a 1ª guerra mundial que atrapalha a exportação, meu avô que era um homem muito esperto e perspicaz, deve ter pressentido alguma mudança econômica no ar, pois o casal parou de ter filhos e, num movimento inteligente e estratégico, meu avô mudou o seu enfoque econômico **diminuindo bastante a quantidade dos pés de café plantados e passou também, a criar gado e com o capital recebido na venda das safras de café e do gado, começou a comprar**

terrenos, e o Grande Hotel de Araraquara que, em **1929**, hospeda os oficiais do exército, que fazem manobra em Araraquara (*abaixo carta do general Alexandre Leal, Chefe do Estado Maior do Exército do Brasil a 4/11/1929, agradecendo meu avô pela hospedagem*).



Todos os 6 filhos homens estudaram em cursos universitários: **Mário** (*iniciou engenharia em Liège, Bélgica, se formou advogado a 7/12/1923, eu tenho o diploma do Largo São Francisco*), **Bernardino e Orlando** se formaram em advocacia, no Largo de São Francisco (SP), e **Luiz** (*médico a 17/10/1935, abaixo o diploma da Praia Vermelha*). **Mário, Luiz e Bernardino são nomes de rua em Araraquara.**



e **José** se formaram em Medicina na Praia Vermelha (RJ), e Joaquim abandonou o curso de medicina e cuidou da casa comercial.

1916: a superprodução do café já era uma realidade.

1918, com a geada de **1918** há um interregno de bonança e o café, com grandes excedentes no Porto de Santos, duplicou de preço e é todo vendido permitindo ao governador/presidente **Altino Arantes**, (primo-2º de minha bisavó Ana Margarida de Arantes) um governo cheio de realizações em São Paulo (1916-1920).

Casa de Joaquim em Araraquara, é uma Imobiliária atualmente



1925: foi feita a última venda vantajosa da safra de café da Baguary, já com bem menos pés plantados, nos estertores finais da cultura cafeeira paulista e com o dinheiro apurado:

> VOVÔ, tia Maria e tio Mário foram para a Europa ver a Exposição de **1925** em Paris e voltaram pela Espanha e Portugal onde ficaram em casa de parentes **Rodrigues d'Almeida**, que tinham uma bela casa apalaceada no **Porto** com empregados com libré.

> VOVÔ visitou Vassouras com alguns dos outros filhos e se assustou/amargurou com a terrível decadência, pois lá encontrou poucos remanescentes empobrecidos das antigas famílias conhecidas, uma vez que os demais tinham se dispersado pelo Brasil afora.

Até **1925** as filhas vestiam-se para as festas com roupas que vinham de Paris e os saraus eram com champagne e bons tintos franceses, com boas conversas e música, os rapazes tocavam violino e as moças tocavam piano, **num arremedo de corte no sertão**. A porcelana para uso diário era **Vista Alegre** branca (eu tenho a sopeira e a molheira), que vinha de Portugal às dúzias, uma vez que havia um contrato de fornecimento direto para vovô, sempre com o monograma **R. Almeida** da Família gravado, pois eram 12 filhos e a quebradeira da louça era enorme. A porcelana de festa era **Limoges** = francesa (eu tenho o aparelho de chá que a tradição oral familiar diz que foi usado pela Princesa Izabel, na sua estada com o Conde d'Eu, no palacete do nosso primo o **Visconde Cananéia**, em 1876, para confirmar essa tradição analisei as 37 marcas Limoges, desde o sec. XVIII, e encontrei a marca **J. Pouyat**, a partir de 1842, que é a **única entre as 37** com o **L** na **cor verde** da marca como está na minha louça, o que corrobora a tradição oral familiar) e **Maestricht** = holandesa (eu tenho a sopeira). Os cristais eram **Saint Louis**, franceses, (eu tenho várias peças).

1126

J.P
L

LIMOGES

J. Pouyat

after 1842 / green



Crise de 1929 e durante os anos seguintes até 1938

A partir de **1920**, o café já estava encalhando pela superprodução, e chegou um momento que não havia mais onde estocar as safras colhidas nas fazendas, e pagar pelos silos de armazenagem era muito caro, pois não havia nenhuma perspectiva de venda e, com a terrível crise mundial, a solução foi **queimar as safras** sem comprador, para desespero dos fazendeiros que ficam na miséria tendo que vender as jóias das esposas para sobrevivência e, no auge da crise de **1929**, alguns se suicidam (eu tenho fotos sufocantes e emblemáticas de minha família junto a um dos filhos do presidente Washington Luiz, assistindo a queima do café da fazenda Baguary em 1938).

Apesar de estar com uma situação econômica bastante diversificada Vovô foi se amargurando, com a situação geral sem futuro e esperança, que se refletia no enorme desemprego, a crônica falta de dinheiro, e a ausência de possibilidade de melhoria econômica gerando o desespero na sociedade paulista, e vovô **vivendo pela 2ª vez** o mesmo terrível descalabro econômico/social, que vivera na mocidade em Vassouras/Valença, a partir de 1880 até a queda da monarquia em 1889, com a terra ficando sem nenhum valor e os antigos Barões do café na miséria, vovô começou a definhar, pois tinha na atividade agrícola o seu principal interesse e atividade, numa perfeita integração com a terra e o café. Nessa fase **pós crash de 1929** onde não havia dinheiro na praça, a família rapidamente se adapta/insere no contexto de uma realidade negativa de, fazenda deficitária e sem futuro, casa comercial (gerenciada pelo filho Joaquim), com pouca venda dada a inadimplência dramática dos fazendeiros e Hotel com pouca procura (gerenciado pela filha Alzira e o marido), alguns dos filhos estavam trabalhando, **tio Mário** tinha a melhor banca de advocacia de Araraquara e era o presidente da 5ª Sub-Secção da OAB, ele entra na política, foi **delegado, Prefeito (16/4/31 a 3/7/1932) e vereador**, (a partir de 3/4/1936) em Araraquara, abaixo o diploma e, quando ele morreu, o Scalamandrê Sobrinho faz constar na Câmara Municipal de São Paulo, a 29/7/1958, um voto de pesar á família, abaixo: cópia do requerimento de nº 486/58), diploma de delegado, publicação do jornal O Imparcial de Araraquara, diploma do Largo de São Francisco de 1923.

O Doutor Augusto Freire da Silva
Junior, Governador Civil desta Ci-
dade e Município de Araraquara:

Usando das atribuições que lhe conferiu o Governo
Provisório de São Paulo, e de acordo com a Com-
missão Popular composta dos senhores Major Anto-
nio Joaquim de Carvalho Filho, Deputados José Fran-
co Macedes Machado, Antonio Ficarelli e Nêcio
Beneira, e Francisco Vaz Filho, - nomeia para o
cargo de delegado de polícia desta cidade o Por-
tari Major Antônio de Almeida, que entrará
imediatamente em exercício, sob o compromisso
do qual. Governador Civil de Araraquara, dos 26 de
julho de 1924.

Do Governador Civil;
Augusto Freire da Silva Junior

Reconheço a firma
Araraquara, 31 de julho de 1924

Em fé da verdade.

1.º Tabelião.

REQUERIMENTO N. 486, DE 1958

Senhor Presidente

Toda a região da Araraquarense sentiu-se consterna-
da no último dia 25, quando se noticiou o falecimento do
dr. Mário Arantes de Almeida, brilhante e culto advogado
que deixou seu nome ligado a inúmeras realizações sociais
e filantrópicas.

Pertencente à tradicional família, largamente concei-
tuada em Araraquara, onde residia, o ilustre extinto foi
um exemplo dignificante para os estudiosos do Direito e
cultores da Justiça.

Por todos os caminhos que trilhou o dr. Mário Aran-
tes de Almeida, deixou plantados, à sua margem, os mar-
cos indeleveis de sua inteligência, de seu espírito realiza-
dor e de sua alma extremamente bondosa.

Nas lutas advocatícias, colocou sempre o seu trabalho
em favor das causas justas e dos menos favorecidos, mo-
tivo pelo qual se impôs à admiração sincera e pública de
seus patricios.

Certamente, o extinto, que deixa varios irmãos e pa-
rentes naquela região, continuará pelas suas qualidades
intelectuais e morais, a viver nos corações de todos quan-
tos com ele privaram em sua proveitosa existencia.

Requeiro, portanto, à Mesa, na forma regimental, se-
ja consignado, na Ata de nossos trabalhos, um voto de
profundo pesar pelo falecimento, ocorrido, no dia 25 do
corrente, em Araraquara, do dr. Mário Arantes de Almei-
da, dando-se ciência à ilustre família.

Sala das Sessões, 29 de julho de 1958.

(a.) Scalamandrê Sobrinho



20º CIRCULO ELEITORAL

Estado de São Paulo

PARAQUARA

Diploma de Vereador à Câmara Municipal de Pararaquara

O Dr. JOÃO M. CARNEIRO LACERDA, Presidente da Junta Apuradora do 20.º Circulo Eleitoral, com sede nesta cidade, faz saber que, nas eleições municipais realizadas a 15 do corrente mez, no municipio de Pararaquara, da 19.ª zona eleitoral do Estado de São Paulo, conforme acta de apuração geral lavrada em livro proprio, archivado no cartorio competente, o total des votos valides apurades nas suas 30 seções, foi de seis mil e novecentos e setenta e sete (6.977), tendo o candidato Maximiliano de Almeida (dr.), registado sob a Legenda "P.C. Tudo por São Paulo", obtido oitocentos e oitenta e quatro votos nominativos, a Junta Apuradora o considerou eleito em 1.º turno e o proclamou Vereador à Câmara Municipal do referido municipio, determinando que, na forma de disposte no art. 20 das Instruções do Tribunal Regional de Estado e de art. 136 do Código Eleitoral, se expedisse em seu favor o presente diploma.

Pararaquara, 3 de Abril de 1936.

Eu, Maximiliano de Almeida, Escrivão Eleitoral e Secretário, o conferei e subscrevi.

O Presidente da Junta Apuradora,

João M. Carneiro Lacerda

REPUBLICA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL



FACULDADE DE DIREITO DE SÃO PAULO

Em nome do Governo da Republica dos Estados Unidos do Brasil.
Eu, Doutor Claudilau Merculiano de Freitas, director da Faculdade de Direito de São Paulo, tendo presente o termo de collação da grão de Bacharel em sciencias juridicas e sociais, confido no dia 7 de Dezembro de 1923, ao Sr. Maximiliano de Almeida, natural do Estado de São Paulo, filho de Joaquim Rodrigues de Almeida, nascido a 15 de julho de 1893, e usando da autoridade que me confere o Regimento desta Faculdade, mandei passar-lhe o presente diploma de Bacharel em sciencias juridicas e sociais, para que possa gozar de todos os direitos e prerogativas concedidos a este titulo pelas leis da Republica.
Secretaria da Faculdade de Direito de São Paulo, 10 de Dezembro de 1923.

O Director da Faculdade,

Assignatura do Bacharel,

Maximiliano de Almeida

Claudilau Merculiano de Freitas

O Secretario da Faculdade,

Julio Joaquim Fernandes de Almeida

Reminiscências...

Dr. Mário Arantes de Almeida - uma figura marcante e inesquecível

PAULO A.C. SILVA

Poucos os da atual geração conheceram Mário Arantes de Almeida, e menor ainda os que com ele privaram. Advogado, vereador, prefeito, candidato a deputado Estadual e presidente da 5.ª Sub-Secção da OAB, como filho de Araraquara sempre procurou prestar à cidade seus serviços. Abraçou a profissão de Advogado circunstancialmente. Seu desejo era o de formar-se Engenheiro e, para tanto, teve grande parte de sua formação cultural na Bélgica. Profundo conhecedor de matemática e de lógica, teve de abandonar o curso de Engenharia e retornou ao Brasil cursando o de Ciências Jurídicas.

Formando-se em Direito, o exerceu com brilhantismo e ética. Tinha raro poder de síntese. Suas petições, objetivas, raramente iam além de duas laudas, mesmo se em grau de recurso a instância superior. Possuía esplêndida cultura geral, com destaque à filosófica. Chegou a ter, na Comarca, a maior banca.

Foi, numa constante, um homem exigente. Sua preocupação não se fixava apenas no global, principal. Jamais os mínimos detalhes escaparam de sua mira. Naquela época, usavam-se as famosas estampilhas (selos — federais ou estaduais) em recibos ou petições. Colava-os com o esmero e carinho de uma bordadeira ao dar os pontos com muita arte. Quantas vezes, porque a goma arábica manchava, por ligeiramente que fosse o papel, e o dr. Mário Arantes de Almeida, numa "Remington 12", pacientemente, batia tudo de novo. Tirava a lauda da máquina, colava os selos, datava-os. Se a assitura fosse de terceiro, preocupado em não amassar o papel, enrolava-o n'outro, mandando-o a quem de direito para que lançasse sua assinatura. Com esta folha, quantas vezes isto ocorreu, fomos receber editais d' O Imparcial e, invariavelmente, tínhamos de retornar, apanhar uma fatura em branco, que ele preenchia com muito cuidado, selava e apenas levávamos de volta a nosso pai, que a assinava. Recebíamos a importância, sempre acrescida de uma gratificação. O mesmo, contam, sucedia nos cartórios e com seus clientes.

O dr. Mário Arantes de Almeida foi um homem de estatura média, cerca de um metro e setenta, quase oitenta quilos. Melo calvo na testada. Sanguíneo, por isto, vermelho e, quando nervoso, as veias pareciam estar próximas a saltarem de sua garganta. Invariavelmente, de branco: costume, camisa e gravata. No inverno, entre o cinza e o azul. Jamais usou, que lembremos, chapéu ou palheta (moda há 40 anos). Apreciava a boa mesa, sempre em companhia de superior vinho. Conquanto explosivo. Jamais foi rancoroso. Queimava-se na hora, oportunidade em que protestava. Depois, procedia da mesma forma do professor que apaga o giz da lousa...

Como prefeito, contavam os mais velhos, azeimiu o Executivo em período difícil, reabilitando as finanças municipais. Como vereador, responsável, defendeu com intransigência o Município. Candidato a deputado Estadual pelo PDS, dobrando com o saudoso prof. Honório Monteiro, conquanto obtendo expressiva votação, não se elegeu.

O dr. Mário Arantes de Almeida nunca usou carteira e jamais dinheiro andou solto em seu bolso. As notas, postas em ordem de valores, bem alinhadas, ficavam dentro de um envelope, que ele carregava no bolso esquerdo e interno do paletó. Invariavelmente, depois do manuseio do papel-moeda, lavava as mãos "porque — dizia — trata-se de um papel altamente contagioso, passando por muitas mãos".

Apreciador de "peru a Califórnia", algumas vezes com nosso pai, mais seus amigos dr. Campos de Almeida, sr. José Maria Paixão, João Soares de Arruda e seu irmão, o inesquecível dr. Luiz Arantes de Almeida, almoçamos e jantamos em sua casa, na D. Pedro II e, mais tarde, na Padre Duarte, defronte ao Jardim da Independência.

O desenlace do dr. Mário Arantes de Almeida ocorreu em viagem, quando retornava de São Paulo, no carro de luxo da Paulista. O enfarte foi fulminante. Com sua morte, Araraquara perdeu um filho amoroso, e a classe de advogados um homem que honrou e dignificou a respeitável profissão, eis que jamais patrocinou causas excusas. Deixou, por isto, exemplos e muita saudade.

Tio **Luiz** mora no Rio e é fisiologista conhecido, assistente do Prof. MacDowell, e faz experiências com o uso do Raio X que, por ser no início da técnica, não tem proteção e ele morre de leucemia em 1948, tio José termina o curso de medicina e vai ser médico do serviço social do Estado e depois se estabelece como professor titular da Faculdade de Odontologia de Araraquara, (tendo por assistente Mariquita Vilaça Correa Leite, minha professora de biologia e mãe de **Ruth Cardoso**, ex-primeira dama), algumas filhas davam aulas de francês e piano para manter os 2 irmãos mais novos, Bernardino e Orlando, ainda estudando advocacia no largo de São Francisco, onde Rafael Luís Pereira de Souza, Bacharel em Direito (filho do Washington Luiz 13º Presidente do Brasil) era colega de Orlando Arantes de Almeida que foi testemunha do nascimento em 1943, em Araraquara, de Washington Luís Pereira de Souza Neto, filho de Raphael Luiz. Rafael frequentava a casa de meus avós em Araraquara e está numa das fotos da queima do café da Baguary. Luisa, a filha mais velha, morreu em Fevereiro de **1936**, vovó Bernardina em Julho de **1936**, com esses 2 terríveis golpes, quase simultâneos, e como a situação econômica estava muito deteriorada, vovô desabou e em Fevereiro de **1937**, 1 ano após a morte da filha Luisa, vovô Joaquim morreu de desgosto.

Entre 1935 e 1944 foram destruídos voluntariamente **547.969.980** cafeeiros no Estado de São Paulo.

Após a morte de meu avô, os 6 filhos homens muito abalados com a sucessão de fatos trágicos/graves na família se reuniram e chegaram à conclusão que, com as terras sem valor, o café era uma perda de tempo sem recuperação possível e impediram que os cunhados continuassem com a fazenda **Baguary** (eu tenho cópia do formal de Partilha de 1937, onde **ainda** registram-se **90.000 pés de café** e safra ensacada de 2.300 arrobas=575 sacas) e a venderam porteira fechada para um árabe que pagou a compra com a madeira que mandou cortar das matas da fazenda que hoje está em outras mãos e é fazenda de cana como quase toda a região, antes produtora de café. O pomar de 200 jaboticabeiras ao redor da casa grande foi eliminado.



A foto acima mostra a queima do café da Fazenda Baguary, em 1938, assistida por membros da família Arantes de Almeida num nefasto ritual que se repetia desde o *crash* da Bolsa de Nova Iorque em 1929, que solapou as bases financeiras da aristocracia cafeeira paulista mudando toda a hierarquia social de São Paulo e marcando o fim da época da sociedade agrária dos barões do café que dominava o cenário político desde o Império. Na Frente estão sentadas: à esquerda a mãe de Aníbal: Anna, (1907-1987), a tia Alzira (1900-1984), de luto pela morte de vovô Joaquim e uma amiga. Lado Esquerdo em pé, de terno branco e gravata borboleta, tio Orlando (1914-1959). Lado Direito em pé, de calça branca, paletó e chapéu escuros, tio Joaquim (1905-1977) que está atrás de minha irmã Rachel (*1930 +2013) e minha irmã Ana Maria (*1928 +1999) sentadas ao lado de Raphael Luíz, (é filho de Washington Luíz Pereira de Souza, 13º Presidente do Brasil), que era colega de tio Orlando no Largo São Francisco, que foi testemunha do nascimento em 1943, em Araraquara, de Washington Luíz Pereira de Souza Neto, filho de Raphael Luiz.

1938: Queima de café da Fazenda Baguary, Araraquara, SP
Proprietário: Família Arantes de Almeida





BERNARDINA ARANTES DE ALMEIDA
★ EM 25 DE AGOSTO DE 1869
+ EM 18 DE SETEMBRO DE 1936

JOAQUIM RODRIGUES DE ALMEIDA
★ EM 23 DE JUNHO DE 1866
+ EM 25 DE FEVEREIRO DE 1937

A família Arantes de Almeida teve uma completa inserção na sociedade araraquarense, inclusive, os filhos, Mário, Luís e Bernardino são nomes de ruas de Araraquara.

A **saga cafeeira** que começou no **Sec. XVIII** com os **Avellar e Almeida**, em Vassouras RJ, terminou **definitivamente** para os **Arantes de Almeida** com a venda da fazenda **Baguary** em Araraquara SP, em **1938, após 158 anos de história** e, **nenhum descendente de meu avô Joaquim voltou a se relacionar com a cultura cafeeira** que, desde o **séc. XVIII** esteve profundamente inserida na atividade dos vários ramos da família.

Apesar de minha família não ter mais **nenhum** contato com o café desde **1938**, minha filha se casou com um rapaz cuja família tem fazenda de café e gosta do que faz, assim sendo, o meu neto **Enrico Arantes de Almeida Alonso (*15/10/2010)**, que é **6º neto de Manoel de Avellar e Almeida (4º avô de Anibal)**, graças ao pai dele (**Felipe Augusto Alonso**) e ao seu bisavô paterno (**Geraldo Alonso**), foi a **8ª geração contínua ligada à cultura cafeeira** até sua última colheita em **2013** cultivada em Bragança, SP, encerrando a saga cafeeira de Enrico, após 233 anos de história, atualmente plantam milho ou soja. Mas a ligação com a terra brasileira continua considerando o **14º avô de Enrico, Balthazar de Moraes (de Antas)** que veio para o Brasil em 1556, dono de terras no Ipiranga e Juiz em São Paulo em 1579, Enrico em 2019, terá a terra brasileira no sangue **por 463 anos (1556-2019), em 16 gerações contínuas.**



2013, Enrico com 3 anos, trabalhando no terreiro na última safra de café, da Faz. Sta Rita, Bragança Paulista, SP

ENRICO, 243 ANOS DE TERRA BRASILEIRA NO SANGUE!

**FAZENDA DA CONQUISTA DOS ARANTES
AIURUOCA, ANO DA GRAÇA DE NOSSO SENHOR JESUS CRISTO DE 1768**

Fontes pesquisadas para estruturar este trabalho:



Vassouras 100 anos, 15/1/1933: Banquete comemorativo

Mário, tio de Anibal, foi prestigiar **Maurício Paiva de Lacerda**, (filho de **Sebastião Lacerda** c.c. **Maria da Glória Avellar Barbosa dos Santos Paiva**), **Prefeito de Vassouras**, c.c. nossa prima **Olga Avellar e Almeida Werneck**, (neta de **Bernardina**, que é filha do **Barão do Ribeirão** e irmã do **Barão Massambará**, **Barão Avellar Almeida** e do **Visconde Cananéia**), c.c. **Inácio de Souza Werneck** (que é irmão do 2º **Barão Ipiabas** e da 2ª **Viscondessa de Queluz** e é sobrinho do 1º **Visconde Ipiabas** e do **Barão Potengy**). **Maurício e Olga** são pais de: **Carlos Frederico Werneck de Lacerda**, **Governador do Rio de Janeiro**.

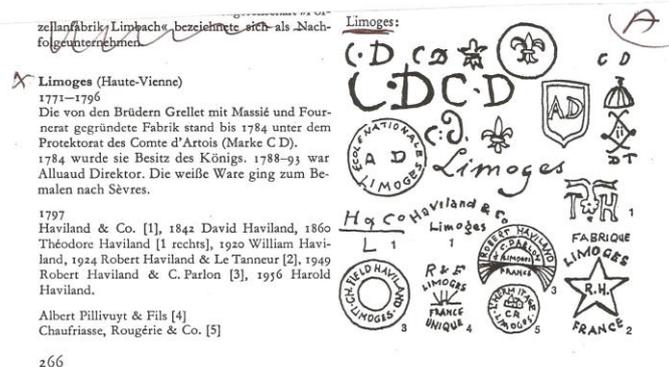
Mário Arantes de Almeida, (1893-1958), estudou em Liège, Bélgica, (diploma-1913) advogado pelo Largo de São Francisco, (diploma-1923), presidente da OAB Seção de Araraquara, **Prefeito** de Araraquara, **Vereador** (diploma a 3/4/1936) e, foi correligionário político de seu primo **Altino de Arantes Marques** (**Governador de São Paulo em 1916-1920**), **Armando de Salles Oliveira** (**Interventor em São Paulo em 1933-35**, **Governador de São Paulo, 1935-37**) e **Honório Monteiro** (**Presidente da Câmara dos Deputados, 1946**, e **Ministro do Trabalho, Indústria e Comércio até 1950**). **Mário** é nome de rua em Araraquara, SP. **Mário** é trineto de **Manoel de Avellar e Almeida**, (**4ºavô de Anibal e pai do Barão Ribeirão**). **Mário** é o **único de óculos** sentado na 4ª fila, olhando diretamente para o fotógrafo, sua cabeça está quase encoberta pelo homem de cabeça grisalha na 3ª fila, olhando para a esquerda, que é o 5º personagem da 3ª fila que não está com a cabeça virada para olhar o fotógrafo. **O verso da foto está assinada por Carlos Lacerda em 31/3/1977, sua última viagem a São Paulo, pois morreu em 21/5/1977.**

Histórias de família, fonte primária: minha mãe, tios Mário, Alzira, Esther, fazenda Baguary, Araraquara, SP.

1930, Os Órfãos da Revolução, Domingos Meirelles, Editora Record, 2006, que é a base principal de informação dos dados técnicos que quantificam o trabalho. Produção de café: pgs: 332, 333, 431, 638, a exportação em 1927 de 15.115.000 de sacas é 2/3 do consumo do café no mundo, ou seja, o total consumido é de 15.115.000 dividido por 2 e depois vezes 3 dá: 22.672.500 sacas.

Grupos qualitativos e disputa sem qualidade, artigo de Carlos Alberto de Melo, Cientista Político, doutor pela PUC-SP, Professor de Sociologia e Política do Ibmec São Paulo.

- Alcântara Machado (AM), José de, - Vida e Morte de Bandeirante, São Paulo, Martins, 1972.
- A Cidade e o Planalto, Gilberto Leite de Barros, Martins, 1967, I Tomo, em especial as pgs: 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 19, 21, 22, 23, 27, 28, 29, 35, 36, 37, 38, 40, 41, 44, 45, 49, 53, 54, 57, 60, 82, 83, 85, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 123, 124, 164, 168, 169, 173, 174, 180, 186, 188, 191, 193, 196.
- As Ferrovias de São Paulo 1870-1944, Flávio Azevedo Marques de Saes, Hucitec, 1981, em especial as pgs: 43, 52, 53, 66, 67, 79, 85, 97, 98.
- O problema do Café no Brasil, Antonio Delfim Neto, IPE, 1981, em destaque as pgs: 59, 68, 76, 96, 101.
- O Leopardo de Tomaso de Lampedusa.
- Omegna (NO), Nelson, A Cidade Colonial, Brasília, Ebrara, 1971.
- Bueno (EB), Eduardo, Naufrações, Traficantes e Degredados, Rio de Janeiro, Objetiva, 1998.
- Brasil: uma História, Eduardo Bueno, Atica, 2003.
- Barões e Escravos do Café, Sonia Sant'Anna, 2001.
- A Coroa, a Cruz e a Espada Eduardo Bueno, RJ, Objetiva, 2006.
- Café e Ferrovias Odilon Nogueira de Matos, 4ª Edição, 1990, pgs: 29 a 34.
- O feudo, Luiz Alberto Moniz Bandeira, RJ, Civilização Brasileira, 2ª edição, 2007Brasil.
- Tragédia em Wall Street, Aventuras na História, Julho 2008, Editora Abril.
- 500 Anos de Sabor, Eda Romio ER, 2000.
- Bueno (EB), Eduardo, Naufrações, Traficantes e Degredados, Rio de Janeiro, Objetiva, 1998.
- Brasil: uma História, Eduardo Bueno, Atica, 2003.
- Barões e Escravos do Café, Sonia Sant'Anna, 2001.
- A Coroa, a Cruz e a Espada Eduardo Bueno, RJ, Objetiva, 2006.
- Café e Ferrovias Odilon Nogueira de Matos, 4ª Edição, 1990, pgs: 29 a 34.
- O feudo, Luiz Alberto Moniz Bandeira, RJ, Civilização Brasileira, 2ª edição, 2007Brasil.
- Tragédia em Wall Street, Aventuras na História, Julho 2008, Editora Abril.
- 500 Anos de Sabor, Eda Romio ER, 2000.
- Baile da Ilha Fiscal:** 9/11/1889 > D. Pedro II, José Murilo de Carvalho, pgs: 212/213, Cia das Letras, 2007.
- 4.500 convidados: 90 cozinheiros, 150 garçons,
consumo de: 500 perus, 800kg de camarão, 1.200 frangos, 12.000 sorvetes, 10.000l de cerveja
258 caixas de vinho e Champagne.



Marcas Limoges pesquisadas para confirmar a veracidade da tradição oral sobre o aparelho de chá herdado por Anibal.

VASSOURAS a Brazilian Coffee County, 1850-1900 Stanley Stein, Harvard University, 1957, várias pgs:

retrata de maneira clara e objetiva o começo, formação e início da decadência de Vassouras, quando terminam as matas virgens para derrubar e plantar e a **rotina** míope dos vassourenses que não adubam ou cuidam de proteger a terra onde plantam; e eu nunca tinha lido sobre a confusão e decadência que causou a implantação da estrada de ferro (D. Pedro II) para as vendas e comércio da estrada de terra (Estrada da Polícia). Também me impressionou a mudança das tropas de mulas (cada uma com 9 arroubas) que custavam 33%!!!!!!! do que valia o café para transportá-lo até o Rio e quando chega o trem que facilita tudo e fica rei o carro de boi que carregava 100 arroubas até as estações e derruba o custo do transporte e a perda de café e mulas nos constantes acidentes anteriores e Vassouras fica riquíssima e muito sofisticada no seu modo de vida.

Pg 226 os escravos entre 1857-58 valem 73% do valor da fazenda.

Pg 246 em 1882 o escravo é o que vale nas fazendas, pois tem liquidez e as terras estão exauridas.

Pg 247 as propriedades em 1888 desvalorizam 10 vezes em relação a 1860 e o escravo tem valor zero na composição do valor das fazendas.

Pg 251 estima m 500.000 escravos libertos em maio/1888.

pg 260 estima em 500 mil contos de réis a necessidade de dinheiro.

Pg 286, 287, 288: o pasto invade os cafezais e o êxodo das famílias dos antigos fazendeiros segue firme.

Pg 293

em 1825 > 1US\$ dolar = 1 conto de reis

e passa a equivaler em:

1850 > 0,58US\$ dólar = 0,58 conto de reis

1900 > 0,19US\$ dólar = 0,19 conto de reis

Pg 294 estima em 1900 = 17.319.556 hab. a população do Brasil

Pg 295 estima em 1887 > a existência de 637.602 escravos

Nota: O scholar de Princeton, Stanley J. Stein, em seu livro Vassouras, a Brazilian Coffee County, 1850-1900, editado pela Harvard Historical Studies, na pg. 121, informa que os grandes clãs familiares de Vassouras eram:

Correa e Castro, Werneck, Ribeiro de Avellar, Paes Leme, Teixeira Leite e **Avellar e Almeida.**

Genealogia Paulistana, de Luiz Gonzaga da Silva Leme, (*1852 - †1919)

Título Moraes: Volume VII: Pág. 03, Pg. 25 e 56

Volume VII pg 3 > Moraes: Esta família teve princípio em **Balthazar de Moraes de Antas, 12º avô de Anibal**, que de Portugal passou a S. Paulo onde casou com Brites Rodrigues Annes f.ª de Joanne Annes Sobrinho, que de Portugal tinha vindo a esta capitania trazendo solteiras três filhas, que todas casaram com pessoas de conhecida nobreza.

*Pedro Taques, de quem copiamos esta notícia sobre os **Antas Moraes** e que por sua vez copiou-a do título dos **Braganções na livraria de José Freire Monte Arroio Mascarenhas em 1757.***

Senhores juizes diz Balthazar de Moraes ora estante nesta villa de Monxagata que a elle lhe é necessario um traslado de um instrumento em publica forma que se deu a seu irmão Belchior de Moraes morador nesta villa de Monxagata o qual instrumento se lhe passára na villa do Mongadouro donde seu pae e mãe foram moradores sobre geração e nobreza de Pedro de Moraes e de Ignez Navarra Dantas pae e mãe d'elle Belchior de Moraes Dantas e de Balthazar de Moraes cujos filhos são como já tem provado elle Balthazar de Moraes de outro instrumento que mandou fazer na villa do Mongadouro e por de outro quer pede a vossa mercê para que se possa ajudar lhe mande pas-

http://www.napoleon.org/en/essential_napoleon/symbols/index.asp



The Bee: Symbol of immortality and resurrection, the bee was chosen so as to link the new dynasty to the very origins of France. Golden bees (in fact, cicadas) were discovered in 1653 in Tournai in the tomb of Childeric I, founder in 457 of the Merovingian dynasty and father of Clovis. **They were considered as the oldest emblem of the sovereigns of France.**